**O FLUXO DO TEMPO E O TEMPO DOS FLUXOS:**

**O TEMPO INODORO DO AQUI-AGORA- *ALWAYS- ON***[[1]](#footnote-1)

Márcia Siqueira Costa Marques[[2]](#footnote-2)

Grupo Design e Convergência- Centro Universitário Belas Artes, SP

**RESUMO**

Este artigo trata da adoção do tempo real das redes digitais, com a utilização maior do tato e do olhar, que enfraquece o sentido do olfato, ou seja, não nos fixamos mais em odores, pois numa relação de exclusão, a internet desencadeia no usuário uma eventual fragilidade dos sentidos humanos na qual predominam a visão, audição e o toque nas telas. Para tanto, consideramos as percepções acerca tempo, imagem, redes, olfato e hábitos viciantes nas novas mídias, com ideias presentes nos trabalhos de Alter (2017), Qualman (2011), Flusser (2008), McLuhan (2007) e Harari (2018). Como resultado, nota-se que a proliferação exacerbada de representações digitais não apenas gera fadiga visual, como orquestra o enfado diante dessa multiplicação sem fim de réplicas e altera nossa percepção.

**PALAVRAS-CHAVE:** tempo; fluxo; comunicação; rede digital; memória olfativa.

**Perda da sensibilidade olfativa em tempos de pandemia**

O ano de 2020 nos trouxe uma pandemia mundial e, enquanto o número de casos da COVID-19 no país e no mundo aumentou com o tempo, os médicos começaram a observar uma variedade maior de sintomas, entre eles a ANOSMIA (perda do olfato, ausência de odores), que, em alguns casos, pode ser o único sintoma de pacientes positivos para a doença. Diversos países, como Itália, França e Brasil relataram um número significativo de pacientes que apresentaram anosmia ou hiposmia (diminuição do olfato) e por ser um sintoma que não requer exames especializados, pessoas que começaram a perceber cheiros com menor intensidade passaram a buscar médicos e hospitais para exames e diagnósticos. Um dos primeiros estudos[[3]](#footnote-3) que associou a perda de olfato à covid-19 foi publicado somente em abril, quando a pandemia já atingia severamente a Europa e Estados Unidos. A pesquisa analisou 417 pacientes infectados (263 mulheres e 154 homens) com o novo *coronavírus* e mostrou que 86% apresentaram anosmia e 88% distúrbios do paladar. O estudo ainda indicou que quase metade dos indivíduos (44%) consegue recuperar a função olfativa em um período bastante curto - de 15 dias- enquanto outros pacientes devem manter a esperança "de recuperar o olfato" – talvez “dentro de 12 meses". Atualmente, a anosmia e ageusia (perda de paladar) já são consideradas sequelas da covid-19, ao lado de demais problemas de saúde que persistem em pacientes recém-recuperados.

Eric Qualman, autor do livro *Socialnomics* (em alusão ao *Economics*), nos traz, uma análise (em 2011) de como as mídias sociais estavam transformando a maneira como vivíamos e fazíamos negócios. Hoje, ele tem um canal no youtube e costuma atualizar estes estudos anualmente No vídeo *Socialnomics 2018*, ele apresenta a informação de que nossa a capacidade de atenção e pensamento lógico para associar imagens e ideias se fixa em 7 segundos – em contraposição a um peixinho dourado que tem 8 segundos de atenção e que 53% dos Millenials (a geração Y que também é chamada geração do milênio, geração da internet, ou somente Millennials) preferem perder o olfato a privar-se de seus aparatos tecnológicos.

O que leva mais da metade de uma geração a afirmar essa preferência? Como se pode imaginar uma opção de ficar sem um dos cinco sentidos de nossos corpos? Como uma mutilação sensorial pode ser melhor do que perder um aparelho que permite substituição? Percebe-se que, em uma época da vida vivida em alta velocidade, é mais importante curtir posts e trocar mensagens do que a contemplação e o uso de todos os sentidos do corpo.

**O fluxo do tempo e o tempo dos fluxos**

Em sua obra, *Os meios de comunicação como extensões do homem,* McLuhan, na parte de estudos sobre mídia, escreve um capítulo com o título “Relógios- A fragrância do tempo”, no qual o pesquisador elabora que:

O olfato não é apenas o mais delicado e sutil dos sentidos humanos; é também o mais icônico, pois envolve toda sensorialidade humana de maneira mais completa do que qualquer outro sentido. Não surpreende, pois que sociedades altamente letradas tomem providências no sentido de eliminar ou reduzir os odores do ambiente. C. C. (cheiro de corpo) — assinatura personalizada e declaração da individualidade humana — é uma palavra que se deve evitar nas sociedades letradas. Ela é envolvente demais para os nossos hábitos de distanciamento e de atenção especializada. As sociedades que mediam fragrâncias de tempo tenderiam a mostrar-se sólida e profundamente unificadas, de modo a resistir a toda espécie de mudanças. (MCLUHAN, 2007, p. 169-170).

O autor acredita que “o sentido de tempo mais integral e envolvente que se possa imaginar é aquele expresso pelas culturas japonesa e chinesa”, pois estes povos evocavam rituais e lembranças que eram

[ ]dominadas e unificadas por cheiros e fragrâncias únicas que estruturavam as experiências passadas. O olfato não é apenas o mais delicado e sutil dos sentidos humanos; é também o mais icônico, pois envolve toda sensorialidade humana de maneira mais completa do que qualquer outro sentido. [ ]Até à chegada dos missionários no século XVII. chineses e japoneses, por milhares de anos, haviam medido o tempo por graduações de incenso. Não somente as horas e os dias, mas também as estações e os signos zodiacais eram simultaneamente indicados por uma sucessão de fragrâncias cuidadosamente ordenadas.” (MCLUHAN, 2007, p. 168-169).

Fragrâncias nos trazem muitas lembranças, de maneira até inesperadas, por exemplo: o aroma do bolo saindo do forno que nos lembra dos tempos de criança, o perfume das flores pode trazer a lembrança um namorado, o cheiro de terra molhada exala a memória dos dias de verões passados.

Para McLuhan (2007), a grande revolução na Matemática se deu quando foram descobertos os números “assim grandes mudanças culturais ocorreram no Ocidente quando se descobriu a possibilidade de fixar o tempo como algo que acontece entre dois pontos”. (p.168). Com a criação e utilização do relógio nasceu “a imagem de um universo numericamente quantificado e mecanicamente acionado” e o nosso “sentimento do tempo como duração”. O autor explica que “nossa nova tecnologia elétrica apresenta tendências orgânicas e não-mecânicas porque ela projeta e estende, não os nossos olhos, mas o nosso sistema nervoso central, como uma vestimenta planetária”, ou seja, nos coloca numa espécie de “redoma” que nos insere no tempo real e nos coloca no mundo virtual das tecnologias. Ele enfatiza ainda que “no mundo espaço-temporal da tecnologia elétrica, o velho tempo mecânico começa a se tomar inaceitável, quanto mais não fosse pelo simples fato de ser uniforme”. O tempo passa a ser contado, de maneira isolada, e dessa forma, se separa das sensações e experiências locais vividas pelos seres humanos e o a “hora do relógico” passa a comandar as ações, com os horários marcados para comer, dormir, tirar férias etc., mesmo que contrárias aos sentidos do mundo biológico.

**O fluxo do tempo= “tempo é dinheiro”**

Hoje, como o Coelho Branco de Alice, que passava segurando um relógio e dizendo estar atrasado, percebemos a passagem do tempo e concluímos que estamos sempre devendo coisas a ver e fazer, coisas que acontecem a todo o momento e que são postadas em redes e “precisamos” conhecer -com “urgência”- para não ficarmos por fora das últimas notícias. O dia continua tendo 24 horas, mas os acontecimentos globais, a hipercomunicação, o compartilhamento acelerado nos atingem de maneira brutal e a sensação é de que o “mundo acontece” e estamos atrasados.

Vivemos no mundo da “síndrome de FOMO” (do inglês *Fear Of Missing Out*, ou seja, o medo de perder algo ou o medo de ficar de fora. FOMO foi classificado como uma patologia psicológica que se produz pelo medo a ficar fora do mundo tecnológico ou a não se desenvolver ao mesmo ritmo que a tecnologia. O vício de se manter atualizado nas redes sociais é proporcional ao medo que se sente ao não poder o fazer em tempo real.FOMO é basicamente o medo que as pessoas sentem diante de uma situação com muitas escolhas e possibilidades, onde uma escolha significa muitas renúncias, perdendo tudo o que poderia ter tido com outras opções.

McLuhan (2007, p.77) apregoa que a humanidade é uma extensão de suas tecnologias e que as pessoas são servomecanismos que agem em função de artefatos tecnológicos de sua época. Ele se referia “aos meios de comunicação como extensões de nossos sentidos”. Para o autor, “o mundo fica eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila” com os efeitos da luz elétrica que “acabou com o regime de noite e dia, do exterior e do interior” e que a “mensagem da luz elétrica é mudança total. É informação pura, sem qualquer conteúdo que restrinja sua força transformadora e informativa” (MCLUHAN, 2007, p. 71).

Sobre o tempo como um vilão que nos chicoteia incansavelmente, escreveu o filósofo Vilém Flusser no fim dos anos 1950, com publicação em meados dos anos 1960, *A história do diabo*, livro no qual ele identifica que “diabo” e “história” são dois aspectos do mesmo processo e que o diabo nos tenta o tempo todo pelos pecados. Para o autor, a jornada do homem se baseia na criação da segunda realidade, a simbólica. Ele explica que “o termo “história” tem a ver com camadas que se sucedem uma à outra, e a língua alemã liga o termo “história” (Geschichte) com o termo “camada” (Schichte)”. E cada camada é colocada em seu devido tempo e esse é o outro lado do processo. O autor acredita que “é possível a afirmativa de que o tempo começou com o diabo, que o seu surgir ou a sua queda representam o início do drama do tempo”, assim, poderíamos afirmar que a nossa tentativa de “fugir do diabo é outro aspecto da nossa tentativa de emergir da temporalidade e ingressar no reino das Mães imutáveis”. Ele segue explicando que “é dever do diabo manter o mundo no tempo. Uma derrota definitiva do diabo (por inconcebível que seja) seria uma catástrofe cósmica irremediável. O mundo se dissolveria”. (FLUSSER, 2008, p.21).

O autor acredita que essa evolução se processe em múltiplas camadas e, em cada uma delas, o diabo age de maneira diferente. Para o filósofo, “economia, política e tecnologia são pecados da camada social da realidade [...]” (FLUSSER, 2008, p. 26).

As tecnologias envolvem a realidade e há pouca ou nenhuma resistência consciente por parte da sociedade que as adota, de forma rápida. É possível perceber que as investidas tecnológicas e promessas do mercado, assim como um exuberante desejo do uso da tecnologia, acabam por seduzir e hipnotizar o público. Essas tecnologias são apropriadas e absorvidas sutilmente e quando percebemos a situação é como se elas sempre fizessem parte de nossas vidas, como se sempre estivessem ali e fosse quase impossível se viver sem elas.

No livro *Dinheiro e magia*, Biswanger defende que a economia atual é uma nova forma de alquimia, mais incrível ainda, pois o rresultado acaba sendo criar valor a partir do nada. A obra analisa a economia, com base na versão de Goethe para a história de Fausto, o homem que fez um pacto com o demônio para obter poder e prazeres. A história se localiza justamente no momento, em que, em vez de recorrer a alquimistas para transformar chumbo em ouro, percebe-se que o melhor é buscar economistas com conhecimento em bancos que emitem papel-moeda que é dotado de algum lastro de natureza imaginária. Dessa maneira, afirma que “o homem é o único ser vivo ciente da morte e da transitoriedade”, ou seja, da finitude no tempo. No entanto, essa consciência também desperta “a ânsia da imortalidade”. (BISWANGER, 2002, p. 111).

O objetivo da alquimia era vencer a transitoriedade, pois “a fim de encontrar o caminho para a árvore da vida, o homem deve ganhar poder sobre o tempo. Somente um senhor do tempo consegue supera a transitoriedade”. (BISWANGER, 2002, p. 115).

Biswanger, esclarece que de acordo com Fausto, o domínio do tempo se dá de três possíveis modos: pelo caminho da ciência, da arte ou da economia. O foco da economia é o futuro e se funde com a ciência, mas desloca a arte. O dinheiro é atemporal e pode ser baseado no futuro. Como se sabe hoje, o valor dos projetos e dos empreendimentos vêm da antecipação dos ganhos futuros e são representados por valores no presente. Dessa maneira a economia triunfa sobre o tempo, mas apenas temporaiamente, pois deve ser constantemente renovada. “O dinheiro é (...) uma ordem para o futuro”, sendo possível consumir o futuro no presente ou ganhar dinheiro no presente através do futuro. A cada momento o futuro é perdido na economia e é necessária a constante expansão – a obra máxima do processo alquímico-econômico.

**O fluxo das redes = “dinheiro é tempo”**

O sociólogo Manuel Castells (2007) afirma que estamos vivendo o nascimento de uma nova estrutura social associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o “informacionalismo”. “A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede”. Para ele

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. Além disso, eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos de poder. [...] Redes são estruturas abertas, capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu próprio equilíbrio. (CASTELLS, 2007, p. 565-66).

A predominância das redes no mundo contemporâneo coloca em xeque categorias e conceitos tradicionais, como as relações de poder; e as categorias básicas da vida, como tempo e espaço, são desconstruídas. Os processos ocorrem em tempo real no espaço global do planeta, modificando a relação tempo-espaço “físico” das pessoas que por sua vez estruturam uma nova geografia e fazem das cidades extensas teias de telecomunicações avançadas. O espaço local fica despojado de suas características geográficas e culturais para se reintegrar na rede, como um espaço de fluxos, como explica Castells (2006). Para o autor:

o tempo intemporal parece ser o resultado da negação do tempo -- passado e futuro -- nas redes do espaço de fluxos. Enquanto isso, o tempo cronológico, medido e avaliado diferencialmente para cada processo de acordo com sua posição na rede, continua a caracterizar as funções subordinadas e os locais específicos. O fim da história, estabelecido na circularidade dos fluxos financeiros computadorizados ou na instantaneidade das guerras cirúrgicas, domina o tempo biológico da pobreza ou o tempo mecânico do trabalho industrial. A construção social das novas formas dominantes de espaço e tempo desenvolve uma metarrede que ignora as funções não essenciais, os grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados. Com isso, gera-se uma distância social infinita entre essa metarrede e a maioria das pessoas, atividades e locais do mundo. Não que as pessoas, locais e atividades desapareçam. Mas seu sentido estrutural deixa de existir, incluído na lógica invisível da metarrede em que se produz valor, criam-se códigos culturais e decide-se o poder. Cada vez mais, a nova ordem social, a sociedade em rede, parece uma metadesordem social para a maior parte das pessoas. Ou seja, uma sequência automática e aleatória de eventos, derivada da lógica incontrolável dos mercados, tecnologia, ordem geográfica ou determinação biológica. (CASTELLS, 2007 p. 505).

O tempo é ignorado, como se fosse apagado, e a rede vive um tempo intemporal em que passado, presente e futuro interagem na mesma mensagem e o tempo é planetário, não importa a hora no lugar de origem. O local comporta o território, no entanto é plural, porque integra dimensões múltiplas e não se esgota na comunidade local, passa por apropriações e está sujeito a múltiplas interpretações.

McLuhan já antecipava que “nesta era da eletricidade, nós mesmos nos vemos traduzidos mais e mais em termos de informação, rumo à extensão tecnológica da consciência” e, logo depois, explica que:

Ao colocar nosso corpo físico dentro do sistema nervoso prolongado, mediante meios elétricos, nós deflagramos uma dinâmica, pela qual todas as tecnologias anteriores - meras extensões das mãos, dos pés, dos dentes e dos controles de calor do corpo, incluindo as cidades como extensão do corpo - serão traduzidas em sistemas de informação. (MCLUHAN, 2007, p. 77)

Para o autor, “com os novos meios também é possível armazenar e traduzir tudo; e quanto à velocidade, não há problema. Nenhuma aceleração maior é possível aquém da barreira da luz.” Ele também prenunciava que ao sofrer o impacto com uma nova tecnologia “o sistema inteiro é que muda”. E ele antecipa que “tendo prolongado ou traduzido nosso sistema nervoso central em tecnologia eletromagnética, o próximo passo é transferir nossa consciência para o mundo do computador”.

Explicando esssa mudança nos sitemas, Castells (2007) afirma que a lógica de redes gera “uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder”. Um mundo em rede é complexo, por isso gera vidas e relações intricadas. É um enredamento constante que vai gerar cada vez mais complexidade. Um aspecto interessante é a capacidade de modificação e rearranjamento dessas redes. A flexibilidade dos processos e organizações ajuda a alterar profundamente (e rapidamente) a organização das redes em novas cadeias de conexões. As funções e os processos dominantes estão cada vez mais organizados na forma de redes. Elas compõem a nova forma de informação da sociedade, e a propagação da lógica de redes vai modificar substancialmente a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.

A ideia de que o mundo está ficando cada vez menor parece suficientemente clara. As palavras de Gilberto Gil, na canção “Parabolicamará”, ilustram bem esse processo de flexibilização do espaço, em decorrência do avanço tecnológico. Ele diz: “antes o mundo era pequeno, porque a terra era grande. Hoje o mundo é muito grande porque a terra é pequena”.

**O digital e os algoritmos = “tempo é atenção”**

A introdução de novidades tecnológicas, sobretudo o aparecimento da internet e do novo sistema que ela trouxe, contribuiu para significativas alterações de toda nossa vida. É uma reconfiguração de nosso mundo, como conhecíamos, uma vez que a tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações sociais. McLuhan explica que “hoje, as tecnologias e seus ambientes consequentes se sucedem com tal rapidez que um ambiente já nos prepara para o próximo”. (2007, p.12). Ainda neste sentido, o autor ilustra que ‘a estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escalada das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalhos e de lazer novos’ (idem, p. 22), ou seja, da mesma forma, a tecnologia é proposta de um determinado modo, mas seus resultados são imprevisíveis e podem até ser opostos ao planejado.

McLuhan (2007, p. 88) já antecipava que “alugaríamos nossos olhos, ouvidos e nervos para os interesses particulares”. Isso porque os anunciantes pagam por tempo e espaço nos veículos de comunicação, contudo, estão comprando um pedaço da atenção do leitor/espectador. Essa atenção que os anunciantes “de bom grado pagariam diretamente ao leitor, ao ouvinte e ao telespectador, por sua preciosa atenção e por seu precioso tempo se soubessem como fazê-lo”.

No caso da mídia digital, os algoritmos do Facebook, Instagram, Google, Netflix, entre outros, são destinados a manter o usuário conectado e atuante na rede pelo maior tempo possível. Todo nosso consumo de mídia hoje é oferecido numa atualização contínua que mantém as pessoas em constante busca e espera. Os programas destas redes e aplicativos são destinados a manter o internauta grudado na plataforma. A Netflix oferece *binge watching*, com episódios recarregados automaticamente. Já existem clinicas especializadas na reabilitação de *gamers*, que passam de fase em fase e não conseguem parar de jogar, em alguns casos perdendo muito dinheiro em apostas ou fazendo compras de itens dentro dos aplicativos - para permanecerem ativos nos jogos. Muitas pessoas se tornaram obcecadas com seus e-mails, jogos e atualizações de redes sociais, e passam horas usando seus *smartphones e tablets*. De acordo com o relatório *Mary Meeker* 2019, os americanos estão gastando tempo com a mídia digital como nunca: 6,3 horas por dia em 2018, 7% a mais que no ano anterior. A maior parte desse crescimento é proveniente de dispositivos móveis e outros dispositivos conectados, enquanto o tempo gasto em computadores diminui. [[4]](#footnote-4). O relatório também aponta que as imagens são -cada vez mais- o meio pelo qual as pessoas se comunicam, à medida que os desenvolvimentos tecnológicos, como o wifi mais rápido e as melhores câmeras de telefone, estimulam esse “contágio” na captação de imagens. Esse tempo real que já era acelerado intensificou-se, ainda mais, durante a pandemia. A Ericsson divulgou pesquisas em junho de 2020 sobre o comportamento de consumidores de 11 países durante a pandemia do novo coronavírus– entre eles, o Brasil. Segundo a fornecedora de equipamentos de telecomunicação, enquanto um aumento de duas horas e meia diárias foi registrado no consumo global de Internet fixa, no Brasil foi registrado, um salto de quatro horas diárias. Já na Internet móvel, o consumo do País ficou atrás da média mundial: houve alta de meia hora na navegação 4G do brasileiro, contra média de uma hora no consolidado dos mercados. De forma geral, 92% dos brasileiros ouvidos (mil consumidores durante o mês de abril) declararam ter aumentado a navegação desde o início da pandemia, contra 87% globalmente. Segundo a pesquisa, com as medidas de isolamento social, 84% dos brasileiros reportaram mudanças significativas em suas vidas, frente uma média de 74% no consolidado global. Por aqui, 26% das pessoas declararam a adoção de novas práticas nas Internet durante o período: entre os hábitos que cresceram estão o consumo de vídeos (comum para 72% da base), a realização de chamadas de vídeo (61%) e o consumo de games (42%) ou de *webcasts* (32%). A Ericsson também identificou crescimento de 5.069% no tempo gasto em plataformas de videoconferências como Zoom, Meet e Hangouts. Em ferramentas educacionais, o salto foi de 340%; em soluções de saúde, houve alta de 171%; e em serviços de *delivery*, de 51%. O mundo todo está sofrendo as consequências desta pandemia e o isolamento social tem sido a forma de prevenção mais efetiva até agora. Muitos países entraram, e alguns estão até saindo, de um regime de *lockdown* para reforçar o distanciamento social, mantendo as pessoas em casa. Se já não bastasse lidar com o medo e a ansiedade desta situação, temos que encarar o stress instaurado pela mudança em nossas rotinas diárias. Trabalhar de casa, cuidar dos filhos e realizar as tarefas diárias se torna bem mais difícil.

Ainda em 2011, um estudo do jornal britânico *The Telegraph[[5]](#footnote-5)*, com estudantes de 12 universidades de 10 países, incluindo a Grã-Bretanha, onde circula o periódico, traz a informação de que quatro em cada cinco estudantes tiveram desconforto físico, mental, pânico, confusão e isolamento extremo quando forçados a se desligar da tecnologia por um dia inteiro e que a maioria dos mil estudantes entrevistados admitiu estar viciada em tecnologias como *smartphones, laptops*, bem como em redes sociais como o Facebook e o Twitter.  Eles também foram incapazes de evitar seus aparelhos eletrônicos voluntariamente por um dia inteiro, como concluiu a pesquisa.  Segundo a mesma pesquisa, uma estudante americana, não identificada, admitiu que seu desejo de estar conectada e desfrutando da tecnologia era semelhante à "comichão" de um drogado que é viciado em *crack*. Outros alunos descreveram que sentiram ansiedade e até depressão de ter que largar seus dispositivos, mesmo que por um curto período.

**Ansiedade e Estresse**

Todos nós, provavelmente, já tivemos experiências de FOMO, em algum momento da vida, quando rolando o *feed* (interminável) do Facebook ou acompanhando o *Stories* no Instagram e nos deparamos com aqueles amigos fazendo uma viagem incrível para algum lugar no mundo, vendo um colega de trabalho se formando em uma pós-graduação, outro suado após uma série insana de exercícios, etc. e pensamos: “com todas as possibilidades e coisas para fazer, estou aqui olhando as redes sociais”.

Imagine que você fica sabendo que seu grupo de amigos vai se reunir justamente amanhã, no mesmo horário que vai acontecer o *happy hour* da empresa, e que convenientemente (ou não), é no mesmo horário do seu curso de especialização (que custa bem caro). Em qual compromisso você deveria comparecer? O que perderá se não for no curso? Quais fofocas ela vai deixar de ouvir se não for no *happy hour*? Será que vai conseguir acompanhar as conversas no grupo de Whatsapp - se não encontrar seus amigos? O processo de revisar, prever e considerar os “ganhos e perdas” (principalmente as perdas) envolvidos nos diferentes cenários pode levar a um esgotamento emocional que é pode resultar em situações de ansiedade ou até angústia.

Sabemos que a ansiedade é um mecanismo da psique humana, algo que é muito comum nos dias hoje, devido ao mundo conectado e globalizado, onde opções de diferentes experiências foram expandidas até um infinito de possibilidades. As redes sociais têm um papel fundamental em fazer com que as pessoas vivenciem o FOMO.

Alter (2017) acredita que nos tornamos dependentes de nossos *smartphones* e *laptops* e analisa o mecanismo dos vícios comportamentais. Dessa forma, ele explica quais são os ingredientes para construir uma experiência viciante e assim conseguir o vício comportamental. Eles estão presentes na construção da interação de redes sociais, games e sites da internet. São: definição de metas a serem alcançadas (que sempre podem ser superadas); realimentação constante e contínua (para continuidade e acertos); progresso gradual (como fases de games); intensificação de sensações; ganchos para as próximas fases e interação social. E assim, de fase em fase, de objetivo em objetivo, passamos horas perdidos nas buscas e *posts* na internet. Cada vez mais, a dependência não é de drogas e sim expressada em comportamento compulsivo. O autor acredita que o vício tecnológico, “um problema de saúde pública,” deve ser encarado na trincheira doméstica, pois as crianças se iniciam no vício comportamental seguindo seus pais.

Alter enfatiza que “a tecnologia pode ser uma janela maravilhosa, mas ela deve servir para aumentar o mundo real, não para se tornar o substituto dele”, pois apesar de poderem encurtar as distâncias que separam as pessoas, o magnetismo do *smartphone* é irresistível, às vezes prejudicial, porque foi criado para que se torne quase impossível se desconectar, pois o mundo acontece aqui-agora, na sua tela *e always on* , ou seja, está online 24 horas por dia, 7 dias por semana.

**Conclusões – e nosso corpo?**

A internet da nova era é repleta de superlativos. Usuários de *Facebook* e buscas no *Google* ultrapassam a casa dos milhões e chegaram à cifra bilhão com facilidade. Enquanto o rádio levou 38 anos para atingir uma audiência de 50 milhões de usuários e a televisão precisou de 13 anos, o *Facebook* atingiu 100 milhões de usuários em apenas 9 meses. Algumas celebridades têm mais seguidores no *Twitter* do que a população de países inteiros ou de estados brasileiros.

Flusser (2008) pondera que “os homens, ao invés de frear (ou pelo menos tentar frear) os avanços das máquinas, ainda lhes aplicam o chicote para incentivar a sua corrida desenfreada rumo ao abismo” (p.136). Essas chibatadas talvez expliquem a voracidade de aquisições de amigos, seguidores, quantidade de acessos, comentários, *posts*, presença em redes sociais.

Estamos imersos nessa nova cultura, que não é avaliada somente pela presença de equipamentos, aparelhos, aparatos e novas tecnologias em nossas vidas, mas, sobretudo pela mudança em nossas práticas cotidianas, em nossos hábitos e em nossas relações, uns com os outros, que estão sendo contínua e profundamente transformadas. A comunicação em rede e as novas associações provenientes desta criam novas formas de participação e interação. A própria facilidade de escolha dos novos meios, que nos oferecem tantas alternativas de caminho e leitura, possibilitando programações “únicas”, sob medida, pode acabar por dissolver o horizonte comum da sociedade. É uma busca narcisista, na qual o que não é espelho se torna feio e permanece, portanto, fora da escolha. De uma maneira geral, há certa agitação de busca de arquétipos imagéticos na rede, um movimento que procura relegar, destruir o feio, o pobre, o inferior, numa estética de imagens “fofinhas” e padrões preestabelecidos.

As mudanças em nossas vidas, provocadas pela tecnologia, podem ser entendidas como o resultado de um conjunto de forças aceleradoras associadas a novas formas de acesso, utilização e compartilhamento de objetos e informações que fazem parte de nosso cotidiano*.* Nesse mundo criado e recriado pela técnica, a diferença entre realidade e virtualidade torna-se cada vez mais difusa, assim como a própria identidade de se ser humano. Num mundo inconstante, inseguro e veloz, o indivíduo já não pertence a categorias precisas. As tecnologias de comunicação descortinam a era da velocidade das mudanças e da economia de tempo. Estamos vivendo aqui outro regime de tempo, o da velocidade em todos os sentidos. A aceleração das mudanças faz parte deste cenário. A cisão moderna do tempo expressa, portanto, a própria divisão do espaço em local de trabalho, local de moradia e local de lazer. A realidade se apresenta como uma grande alteração na lógica de nossas relações. Ocorreu uma mudança radical na forma como lemos e interagimos com o mundo, especialmente na maneira como atribuímos sentido e significado a tudo que nos cerca. A informação está na ponta dos dedos, disponível quando se quer e acessível em múltiplas fontes. A nova moeda vigente na internet passa a ser a atenção das pessoas. Que terão seus olhos voltados para a tela que se modifica pelo movimento feito com a ponta dos dedos, de modo tátil e visual. Nosso sentido de olfato permanece embotado. A memóra passa a se tornar um enorme armazenamento de dados e muitos preferem optar por perder o perfume do tempo. Extraviou-se o sentido do odor –das pessoas e das coisas. O uso constante do virtual faz com que o odor das coisas não chega até nós e até parece desnecessário em nossas redes.

**REFERÊNCIAS**

ALTER, Adam **Irresistible**: the rise of addictive technology and the business of keeping us hooked. New York: Penguin Press, 2017.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FLUSSER, Vilém. **A história do Diabo**. São Paulo: Annablume, 2008.

HARARI, Yuval. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOUGH, Andrew. Student 'addiction' to technology 'similar to drug cravings', study finds. **The Telegraph**. 2011.. Disponível em https://www.telegraph.co.uk/technology/news/8436831/Student-addiction-to-technology-similar-to-drug-cravings-study-finds.html Acesso em 25 de maio de 2015

MARQUES, Márcia S.C.. **O blog como meio de comunicação**. Origem, apropriações e horizontes da blogosfera na sociedade contemporânea. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). PUC-SP, São Paulo 2012. Disponível em https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4459

MARQUES, Siqueira Costa; GARCIA, C. **Viciados em *smartphones*: conexões que nos enclausuram** In: VI ComCult, 2019, São Paulo. Disponível nos Anais do VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura (6: 2018: São Paulo). São Paulo: CISC - PUC-SP, 2019. v.1. p.1 – 14

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MORAES, Júlio**. Updateordie**.Leia o Relatório Anual de Tendências da Internet da Mary Meeker**.** 14 de jun 2019**.** Disponível em https://www.updateordie.com/2019/06/14/leia-o-relatorio-anual-de-tendencias-da-internet-da-mary-meeker/ Acesso em 13 junho 2020

QUALMAN, Erik. **Socialnomics.** São Paulo. Saraiva, 2011.

SANTIAGO, Abinoan **. UOL.** Viva Bem. Médica está sem olfato há 5 meses por causa da covid-19: "É uma mutilação". Disponível em https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/08/24/medica-esta-sem-olfato-ha-5-meses-por-causa-da-covid-19-e-uma-mutilacao.htm. Acesso em 30 set. 2020.

**Socialnomics** (2018). 8th version of this Social Media Revolution Series by Erik Qualman based on his #1 Bestseller Socialnomics. Produced by Equalman Studios. 8 jan 2018. 1 vídeo. (2minutos e 30 segundos) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2IcpwISszbQ Acesso em 30 de setembro 2018.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 01.Tecnopolíticas e Cenários Pandêmicos , do XIII Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Comunicação pela PUC-SP. Co-líder  do grupo Design e Convergência no CNPq no Centro Universitário Belas Artes em São Paulo. [↑](#footnote-ref-2)
3. Dados retirados do portal Viva Bem. UOL. [↑](#footnote-ref-3)
4. Dados da pesquisa https://www.updateordie.com/2019/06/14/leia-o-relatorio-anual-de-tendencias-da-internet-da-mary-meeker/ [↑](#footnote-ref-4)
5. The Telegraph (2011). https://www.telegraph.co.uk/technology/news/8436831/Student-addiction-to-technology-similar-to-drug-cravings-study-finds.html [↑](#footnote-ref-5)